

## UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE SAÚDE MENTAL: Ecos do simbólico na canção “911”

Bruna Rodrigues Taiski<sup>1</sup>; Icléia Caires Moreira<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Jorlanismo, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos – UFMS, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; Membro no Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – NEAD – UEMS.

\* autor correspondente: icamoreira@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo objetiva problematizar como se dão os processos de subjetivação, ancorados em uma biopolítica medicamentosa, emergentes na canção 911, de Lady Gaga. Especificamente, pretende-se identificar as formações discursivas presentes na materialidade da letra da música. A hipótese eleita é de que este produto midiático contribui para a (d)enúncia de processos de subjetivação responsáveis por criar a representação da felicidade constante, cujo resultado é a dependência de medicalizações. O referencial teórico-metodológico eleito compõe-se de pensadores como Pêcheux (1988), Orlandi (1999), Coracini (2007), Moreira, (2018, 2020), Foucault (1995, 1997, 2008). Os resultados obtidos demonstram que a letra de Lady Gaga ressignificou um dos maiores traumas sociais contemporâneos, por meio da arte e problematizou que as feridas emocionais e psíquicas podem ser um caminho para reprodução de saberes e poderes, bem como para (trans)formações. A experiência simbólica retratada na materialidade é um reflexo do agenciamento de conduta que os antipsicóticos promovem na vida dos sujeitos de forma positiva e negativa, no limiar da produtividade perseguida pela sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; mídia; medicalização; subjetivação.

### 1 INTRODUÇÃO

As obras musicais são abordadas como um conceito criador de mundos/representações, em que narrativas de si e do outro se estabelecem para (d)enunciar às práticas discursivas da sociedade e os agenciamentos de condutas que tocam a vida pessoal do artista e dos que acessam a produção artística e midiática produzida. Em face do exposto, o *corpus* eleito para este projeto trata-se da letra da música ‘911’ da cantora estadunidense Lady Gaga.

Em face deste contexto, este artigo objetiva problematizar como se dão os processos de subjetivação, ancorados em uma biopolítica medicamentosa. Especificamente, pretende-se identificar as formações discursivas presentes na materialidade na letra da canção; bem como analisar os agenciamentos de conduta

promovidos pelo uso excessivo de antipsicóticos.

A hipótese eleita é de que este produto midiático contribui para a (d)enúncia de processos de subjetivação, via biopoderes, responsáveis por criar a representação da felicidade constante do sujeito contemporâneo, cujo resultado é a medicalização que leva a dependência de farmacológicos inibidores de emoções consideradas disfuncionais, na atualidade.

Para promover o processo analítico desta materialidade, amparamo-nos, teórico-metodologicamente, e, de forma transdisciplinar, na Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 1999), na perspectiva discursivo-deconstrutiva (CORACINI, 2007; MOREIRA, 2018, 2020) e nos estudos de Michel Foucault sobre a biopolítica, biopoder, agenciamento de condutas e

docilização dos corpos (FOUCAULT, 1995, 1997, 2008), com a finalidade de observar como a língua funciona e gera efeitos sentidos postos em circulação na sociedade, circunstância promotora da compreensão de como o discurso, enquanto mediador de ações organizadoras da realidade exerce um papel social constituidor de processos de subjetivação na relação entre os sujeitos e constituição das identidades.

Este estudo justifica-se pela necessidade de se debater como as práticas discursivas podem influenciar ou determinar comportamentos e atitudes dos sujeitos no bojo da sociedade, numa atividade reflexiva e deslocadora dos processos de subjetivação. Em uma sociedade, cada vez mais, medicalizada, faz-se necessário ponderar as razões do excesso de inibidores emoções de fundo “negativo” e o tamponamento dos sentimentos e atitudes vinculados à frustração, faceta que também faz parte do desenvolvimento dos seres humanos dentro do coletivo em que se insere.

Os resultados obtidos demonstram que a letra de Lady Gaga ressignificou traumas contemporâneos através de sua arte e mostrou que as feridas emocionais e psíquicas podem ser um caminho para reprodução de saberes e poderes, bem como para (trans)formações. A experiência simbólica retratada na materialidade é um reflexo do agenciamento de conduta que os antipsicóticos promovem na vida dos sujeitos de forma positiva e negativa, no limiar da produtividade perseguida pela sociedade.

## 2 FENÔMENO LADY GAGA

Lady Gaga ganhou proeminência após o lançamento do seu álbum de estúdio de estreia, intitulado *The Fame*, em 2008. De acordo com a Billboard (2008)<sup>1</sup>, o disco foi um sucesso em nível

crítico e comercial, tendo atingido o número um no Reino Unido, Canadá, Áustria, Alemanha e Irlanda, enquanto nos Estados Unidos alcançou a posição de número dois na Billboard. A partir deste sucesso, a cantora gerou inúmeros debates com o seu estilo extravagante, a estética dos seus vídeos e as polêmicas letras das suas canções, cultivando um público dedicado que ela apelidou de “Little Monsters” (monstrinhos).

Conforme o seu site oficial,<sup>2</sup> Stefani Joanne Angelina Germanotta, codinome Lady Gaga, nasceu na cidade de Manhattan, Nova Iorque, no dia 28 de março de 1986. Segundo o site, Lady Gaga ganhou este nome quando o produtor musical Rob Fusari comparou seu estilo vocal ao de Freddie Mercury e pegou o apelido da música 'Radio Gaga' do Queen.

Nos 12 anos de carreira, Lady Gaga não foi apenas sonora, e esse era o seu maior diferencial. Embalada pela era da imagem ela revolucionou a forma com que o pop estava sendo vendido às massas, a partir de conceitos teatrais muito utilizados por David Bowie, Michael Jackson e Madonna, mas que haviam sido brevemente esquecidos no passado da música.

Gaga não se tornou o sucesso que é hoje baseado apenas em seu talento. Ela fez isso gerando uma imensa lealdade de seus fãs por meio de sua música, sua mensagem e a comunidade que ela construiu em torno deles. Gaga difere de outros artistas da indústria musical, pois se posiciona diante de questões com as quais se preocupa e por compartilhar seus valores e opiniões. Ela defende aqueles que se sentem marginalizados e intimidados, na sociedade, por serem diferentes e subversivos em relação às morais e ideologias vigentes.

Em 2011, a norte-americana usou da sua visibilidade para criar a Fundação

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.billboard.com/music/lady-gaga> Acesso em 19/04/2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ladygaga.com/> Acesso em 19/04/2021.

*Born This Way*. Trata-se de uma ONG voltada para os jovens, cuja missão é construir um mundo mais ameno e corajoso, formando comunidades que entendam e valorizem a saúde mental. Uma das maiores conquistas foi a parceria com o Conselho de Saúde Comportamental dos Estados Unidos para levar primeiros socorros em saúde mental às adolescentes em todo o país.<sup>3</sup>

Importante frisar que suas ações são sempre registradas pela esfera midiática jornalística como acontecimentos discursivos de grande repercussão. Sempre rodeada de fotógrafos e jornalistas, Gaga faz uso da sua visibilidade midiática perpassada de poder para ajudar. Ao ter suas aparições veiculadas, se vale da exposição que a fama lhe oferta para (d)enunciar a condição dos (in)visíveis, dos marginalizados sociais. Isso mostra como a esfera artística dialoga com a jornalística, em decorrência de uma relação recíproca, o que acontece na arte é ligado à vida, cuja essência é base para as notícias e o trabalho dos profissionais da mídia.

O fato de a cantora demonstrar empatia com o corpo social fez dos *little monsters*, seu grupo coeso de fãs, e demais pessoas mostra como seu olhar artístico-social agrega significado entre o que viveu/vive e a história de vida de seus fãs. Essas equivalências entre discurso e realidade convencem e promovem uma relação de reciprocidade entre as duas partes, pois estando ciente do que as pessoas passam, aliada ao seu próprio enleio de existir, Gaga transmite confiança e gera um ciclo de apoio mútuo, de (d)enuncia das questões de exclusão e invisibilidade.

Assim, é possível ver como sua vida, em constante exposição, ajuda

outras vidas e se vale da repercussão de sua carreira para amparar quem necessita de apoio. Por essa razão, sua legião de fãs aumenta a cada dia e a esfera jornalística/midiática a segue por onde for, registra e veicula tudo que faz, afinal, Lady Gaga é notícia que vende e gera acessos, nesse nicho altamente capitalista e competitivo.

## 2.1 Saúde mental nos holofotes

No início da sua carreira, a cantora não falava abertamente para a imprensa sobre os problemas psicológicos e as suas dores pessoais que enfrentava nos bastidores. Somente em 2014, ela revelou em entrevista para a *Billboard*<sup>4</sup> que foi abusada sexualmente na adolescência por um produtor musical. “Acho que não sabia como pensar sobre isso. Não sabia como me culpar, ou achava que era minha culpa” (GERMANOTTA, 2014, s.p).

Durante o programa *Today*, em 2016<sup>5</sup>, Gaga revelou ter sido diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático, em decorrência do abuso sexual. Em 2018, ela voltou a falar sobre o assunto em um discurso no Prêmio Patrocinador dos Artistas da Fundação SAG-AFTRA.

“[...] Eu também tinha sintomas de desassociação e estresse pós-traumático, mas não tinha uma equipe para apoiar minha saúde mental. Mais tarde, isso se transformou em uma dor física crônica, fibromialgia, ataques de pânico, respostas agudas a traumas e espirais mentais debilitantes que incluíram ideação suicida e comportamento masoquista” (GERMANOTTA, 2018, s.p).

Em sua participação no programa

<sup>3</sup> Disponível em:

[https://pt.other.wiki/wiki/Born\\_This\\_Way\\_Foundation](https://pt.other.wiki/wiki/Born_This_Way_Foundation) Acesso em: 06/05/2021.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.billboard.com/articles/columns/pop-shop/6334807/lady-gaga-](https://www.billboard.com/articles/columns/pop-shop/6334807/lady-gaga-rape-howard-stern-interview-swine)

[rape-howard-stern-interview-swine](https://www.billboard.com/articles/columns/pop-shop/6334807/lady-gaga-rape-howard-stern-interview-swine) Acesso em 20/04/2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/life/people/2016/12/08/lady-gaga-ptsd-open-letter/95135028/> Acesso em 20/04/2021.

*Sunday Morning*<sup>6</sup>, no ano de 2020, a popstar relatou ter passado por um período de depressão e que pensou em suicídio. “Durante esse tempo, eu estava tipo: ‘Você me fez ser Lady Gaga. Meu maior inimigo é a Lady Gaga’. Era isso que eu estava pensando: ‘Minha maior inimiga é ela” (GERMANOTTA, 2018, s.p). Gaga reitera essa fala sobre ser sua maior inimiga na música “911”, lançada em maio de 2020, o refrão da música diz: “*My biggest enemy is me Pop a 911*”, na tradução: *Minha maior inimiga sou eu, disque o 911*<sup>7</sup>.

Mostrar como se pede ajuda e funcionar como (d)enúncia da condição emocional das pessoas está entre os alertas da música “911” (número de telefone de emergência da América do Norte). Lançado em setembro de 2020, mês da campanha de prevenção ao suicídio, a canção é o mote para uma campanha que combate esta mazela social. A canção com o nome do número disponível para apoio, “911”, foi gravada para o sexto álbum de estúdio de Lady Gaga, *Chromatica* (2020).

Esta canção tem um videoclipe que foi organizado em formato curta-metragem e retrata a relação da cantora com a “Olanzapina”, um medicamento antipsicótico. O sucesso e posição midiática de Lady Gaga ajuda a veicular para o mundo, para seus fãs, que nem sempre a fama, sucesso e dinheiro produzem felicidade interior. Gaga explica que o videoclipe, feito para veicular a canção, é sobre sua “experiência com a saúde mental e a forma como a realidade e os sonhos podem se interconectar para formar heróis dentro de nós e ao nosso redor” (GERMANOTTA, 2020, s.p.).

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO E SUBJETIVAÇÃO

Este artigo voltado para o curso de

jornalismo une produção artística musical e a esfera jornalística, em face da midiaticização de informações, emergem inúmeros efeitos de sentido sobre saúde mental e processos de medicalização. Segundo Pêcheux (1988), discurso é o efeito de sentidos entre locutores. Assim sendo, não há intuito de transmissão de informações tão somente, mas fazer ecoar as múltiplas relações de força dialogam nesta esteira enunciativa (MOREIRA, 2020).

Nesse processo de interlocução existem sujeitos se constituindo. Para a Análise do Discurso, doravante AD, todo discurso é uma construção social, que reflete uma visão de mundo vinculada à de seus autores e à sociedade em que vivem e que só pode ser analisada considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção (MOREIRA, 2020).

Por meio da AD é possível realizar uma análise da materialidade eleita para observar: o que este texto diz, como ele diz e, por quais razões, este texto diz o que ele diz (ORLANDI, 1999; CORACINI, 2007). Portanto, a partir do reconhecimento deste contexto, considera-se fundamental a produção de pesquisas que ampliem nossos modos de conhecer como o discurso de uma obra musical pode ser entendido como uma forma (d)enúncia da organização e representação do mundo, no qual estão em jogo um conjunto de forças sócio-histórico-culturais aliadas a formações discursivas que a constituem e que estão perpassadas de poder e de saber (FOUCAULT, 1995).

Em linhas gerais, pode-se apontar que palavras, expressões, proposições recebem seu sentido a partir da formação discursiva em que são produzidas, pois esta estabelece, em uma dada formação ideológica, o que pode e deve ser dito. Podemos observar que a análise do

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.cbs-news.com/news/lady-gaga-chromatica/>. Acesso em 20/04/2021.

<sup>7</sup> Tradução nossa.

discurso, como indica Silveira (2018 p. 141-162) é construída como uma proposta crítica que problematiza as formas de reflexão estabelecidas pela linguística, que proclama um locutor único e intencional, psicossocial e biológico.

O discurso, assim entendido, é um objeto de natureza social e histórica (ORLANDI, 1999). Por sua vez, os vínculos entre o texto e o universo social que esta perspectiva estabelece exigem apelar não só a este saber linguístico, mas também a outros saberes, pertencentes a outras áreas disciplinares, como os produzidos pelas ciências sociais, em um movimento de transdisciplinaridade (CORACINI, 2007). Como foi visto, em seus primórdios, o cerne da pesquisa de análise do discurso centrou-se na análise e no estudo dos discursos políticos, para dar conta de suas especificidades, alianças e limites. Essa primeira inclinação foi, aos poucos, deixando espaço para outros objetos de estudo (ORLANDI, 1999).

Nessa seara de pensamento, o estudo da subjetividade permite novas abordagens a temas que não são levantados, como identidade e práticas científicas, e que surgem na mudança de contextos sociais, culturais e econômicos, mas baseados em reflexões sobre o papel dos sujeitos, suas ideias, valores e representações que levam à compreensão da complexidade social em torno da geração do conhecimento científico (MOREIRA, 2020).

Diante do exposto, Foucault (2008) define o indivíduo como um ser consciente, autônomo, estável, que ao mesmo tempo é produto do discurso de duas formas: "como sujeitos que personificam as formas particulares de conhecimento que o discurso produz, e como lugares para o sujeito (posições subjetivas)".

Dessa forma, o sujeito torna-se um efeito de poder e é o resultado de vários dispositivos que o formulam como um indivíduo disciplinar. A subjetividade, então, é o resultado de como tais

dispositivos se articulam entre si, sob formas de controle, estruturas comportamentais e mecanismos de padronização, que geram um tipo de mentalidade coerente com as condições culturais existentes (MOREIRA, 2018), a partir das práticas que se aplicam, como exclusão, internação, observação, exame, entre outros, que têm impacto direto no comportamento, autoconceitos e autoimagem.

### 3.1 Foucault: noções basilares

Michel Foucault cunhou as noções de biopolítica e biopoder, na última seção do primeiro volume do seu livro "História da Sexualidade" (1976). Nesta seção, chamada de "direito de morte ou poder sobre a vida", ele explica como, nos últimos dois séculos, um passo foi dado no modo de exercer o poder pelos Estados: antes o poder baseava-se na capacidade do soberano de matar, agora, se baseia na capacidade de administrar a vida. Assim, é um poder que ameaça não só expropriar bens e em última instância a vida, mas controle sobre a vida, para explorá-la, ou fazê-la crescer, organizá-la e otimizá-la.

Diante da visão de Biopolítica, segundo Foucault (1976), a antiga forma de poder tinha na vida após a morte, uma justificativa metafísica para seu poder terreno, as religiões controlavam a vida assim, via projeções para eternidade. Hoje, o biopoder tem seu limite na morte. Isso é mostrado, por exemplo, em regimes totalitários, em que se mobilizam populações inteiras para a guerra, sob o pretexto de preservar a vida do grupo, algumas pessoas são agenciadas a darem as suas vidas pelas vidas dos outros, além de manter o poder político ou da soberania pela Pátria (FOUCAULT, 2008).

Desse modo, de acordo com Foucault (2008), pode-se falar em duas formas de biopoder: a disciplina do corpo e o controle da população. Nesse limiar, infere-se que o corpo, ao ser

disciplinado, aumenta a produção necessária, aumenta também sua capacidade “útil” e diminui sua autodeterminação, pois delega a força de seu corpo à vontade de um “outro”. Desta forma como o sujeito é “objetivado”, pois perde sua capacidade de independência, o corpo não pode se emancipar, ele obedece. Desse modo, quando o corpo, como objeto, é disciplinado, a alma afunda nas condições sistemáticas repetitivas de um processo que aniquila a vontade individual, e o corpo recebe indicações para se tornar um homem-máquina.

Sobre o sujeito que tem corpo manipulado/docilizado, a disciplina reconhece o sujeito explorando-o, definindo-o situado em um contexto, que poderia ser definido como o corpo sendo meticulosamente observado, depois desarticulado, ou seja, divide as potencialidades que ele pode executar e, a partir disso, o reestrutura ou recompõe, já que o mecanismo de poder que o reconheceu e desmontou o remonta, curiosamente como uma máquina em mau estado, recondicionada e novamente operacional, mas com os interesses que o mecanismo de poder requer (FOUCAULT, 2002).

O objetivo de docilizar ou disciplinar os corpos, além de administrar as potencialidades do sujeito, serve para manter uma hierarquia de poder. Isto é, a ideia é fazer uma ligação ou vínculo nas ações de um sujeito, ou seja, que o corpo de um sujeito se adapte ao de uma estrutura rígida que, com o passar do tempo, torna o sujeito obediente às ordens que lhe são dadas e úteis no seu trabalho, frente à obediência e utilidade, na medida em que o sujeito se disciplina e se homogeneiza às condições que o poder o requer, ele vai sendo cada vez mais produtivo para o coletivo social e gerador de lucros ao capital. É nesse limiar de docilização que a medicalização se torna uma estratégia/um dispositivo para o exercício do controle sobre os

corpos e coloca o poder em funcionamento.

### 3.2 Estratégia de medicalização

O dispositivo da medicalização é o âmago da biopolítica, ele conduz-se agenciando modos de ser e estabelece uma normalidade medicalizada, desta forma, a expressão do sofrimento não se torna objeto de reflexão e busca de construção de outras formas de ser, mas sim uma “barreira química” emocional.

Diante do exposto, ao analisarmos a medicalização como questão inerente ao ferramentaria da biopolítica, ela emerge como um dispositivo que se comporta como um meio de individuação do poder. Conforme Foucault (2002), a biopolítica inclui ações do Estado para controlar os corpos, da mesma maneira que para controlar populações. Portanto, a medicalização via antipsicóticos possui dupla natureza, por meio do controle individual do corpo e da utilização de instrumentos de gestão populacional ela trabalha para manter um padrão de comportamento social aceitável e produtivo (IGNÁCIO, 2007.).

Logo, a medicalização, dentro do campo da psiquiatria, se configura como um feixe de dispositivos de controle das emoções dos sujeitos, os ansiolíticos, calmantes, antidepressivos, são tecnologias farmacológicas de regulação das populações. Por meio desta promoção desmedida e artificial do bem-estar, o ser-humano é levado a reprimir os seus sentimentos e a se adequar na lógica capitalista de produção, pois se este estiver triste, depressivo deve se medicalizar, para retornar a rotina de produtividade. Lady Gaga expõe os processos de medicalização na canção “911”, ao mostrar sua luta perante a dependência da Olanzapina, ela evidencia o sofrimento do uso de farmacológicos como forma de controlar a sua vida pessoal e artística, dado que, para manter a imagem de celebridade é necessário que as suas dores e sofrimentos sejam inibidos,

ofuscados pelo brilho da subjetivização de uma popstar.

#### 4. UMA CANÇÃO OU UM GRITO DE SOCORRO? ANÁLISE DA MATERIALIDADE LINGÜÍSTICA DE “911”.

Neste item estão dispostos dois recortes da materialidade linguística da canção “911”, com vistas a refletir sobre os processos de subjetivação, de medicalização, biopoder e biopolítica que arregimentam a vida e a conduta das pessoas que fazem uso de farmacológicos inibidores de emoções e de controle de ansiedade.

O gesto de interpretação empreendido visa problematizar o limiar do controle e da dependência química que anestesia, ou não, o sujeito usuário de medicações psiquiátricas. Optamos por trabalhar com a tradução em português, para dar maior acessibilidade ao leitor brasileiro ao recorte eleito. Nomeou-se cada recorte de R e numerou-se conforme a sequência de aparecimento. Para este artigo, e decorrência do limite de páginas, a análise centra-se em apenas um dos recortes selecionados. Os demais serão analisados no trabalho de conclusão de curso que se encontra em andamento e em publicações vindouras.

Vejamos:

R1:  
**Mudo de entorpecentes emocionais**  
**Continuo repetindo frases de autodesprezo**  
**Já ouvi o suficiente dessas vozes**  
**É quase como se eu não tivesse escolha**  
(GERMANOTTA, 2020, s.p., *tradução nossa*)

Como se pode verificar a noção de medicalização se faz presente nesse primeiro recorte. Por meio do uso da palavra “entorpecentes”, cuja significação é “substância tóxica, com ação analgésica, com efeito tido como agradável, por um determinado tempo, no organismo do

usuário, estupefaciente” (FERREIRA, p. 353, 2008), há a inserção da ideia de variabilidade das substâncias psicotrópicas, na busca de encontrar aquela que faça um efeito maior, isso pode ser comprovado pelo emprego do verbo de ação “mudar”, usado na primeira pessoa do singular no fragmento eleito: “eu mudo de entorpecente emocionais”.

Sob esta égide, pode se dizer que discurso da canção está filiado a formação discursiva médica e à noção de que medicações são fármacos que têm entre seus efeitos, a possibilidade de causar entorpecimento, bem como dependência. Neste limiar, a letra sugere que, o elemento usado trata-se de uma droga que embriaga as emoções e mesmo que se troque este “entorpecente emocional” por outro, o uso contínuo dessas substâncias vai tornando seus efeitos cada vez mais obsoletos e requerendo permuta, ou aumento de doses. Essa interpretação ampara-se no fragmento que segue, pois o sujeito discursivo da canção diz que continua “a repetir frases de autodesprezo”. Isto é, continua a se enxergar inferior aos demais componentes da sociedade, por possuir uma disfunção na química cerebral que o leva a se auto desmerecer e desenvolver quadros de doenças psíquicas ou psicossomáticas.

Outro fator a ser salientado, refere-se ao fato de o sujeito da canção ter alucinações, isso se marca quando se diz “Já ouvi o suficiente dessas vozes”. Pode-se interpretar que há em seu interior uma espécie de perturbação mental que somada aos pensamentos disfuncionais, às crenças de inferiorização que circulam no coletivo social provocam no enunciador de R1 ecos de “autodesprezo”. Essas “vozes” o levam este sujeito ao limite a ponto de relatar: “É quase como se eu não tivesse escolha”, essa escolha vincula-se a questão da vida e da morte, ao desejo de suicídio, tema central de “911”, lançada no mês de setembro de 2020, para alicerçar a campanha de combate ao suicídio, nos

Estados Unidos e no mundo.

Em articulação com o processo analítico apontado, pode-se dizer que há uma teia de poderes e saberes (MORREIRA, 2020), sobretudo, do campo psiquiátrico que arregimenta a conduta das pessoas. Este biopoder; ou seja, o controle sobre a vida e sobre os corpos dos seres, os força à tentativa de controlar os sentimentos/emoções, via medicações, não permitindo que se dê vazão àquilo que foge ao padrão de normalidade social eleito (FOUCAULT, 2010). Este padrão visa um caráter produtivo e dito saudável para a sociedade, quem não se encaixa nele, é um sujeito excluído da categoria de possuidor de “saúde mental”.

Neste jogo de forças, o sujeito da canção demonstra a impossibilidade de escolher/controlar a própria vida, pois ela já é controlada por medicações psiquiátricas, cuja dependência já se instaurou. Essa dependência permite ao corpo habituar-se às substâncias e precisar, cada vez, mais de doses mais altas ou de troca de “entorpecentes emocionais”, em busca de um efeito mais efetivo que, quimicamente, lhe tire da “disfunção emocional” em que se encontra e da sensação de anormalidade, bem como da sensação de não pertença que a sociedade e os discursos circulantes lhe impuseram.

Naquilo que concerne à questão da medicalização, na visão da Análise do Discurso e das considerações de Foucault (2011), a medicalização se perfaz como um elemento essencial em meio a um percurso que gira em torno da questão do sujeito e da medicina, dentro do limiar daquilo que se denomina normalidade. O sujeito enunciador de “911” é aquele que em busca de enquadramento em um padrão psíquico aceitável e produtivo (FOUCAULT, 2010; CORACINI, 2007). Por isso, se entorpece, e o faz, periodicamente, com uma droga nova, na ânsia de obter a aceitação de si e do outro no corpo social, para que não se “auto despreze” e nem seja desprezado.

Nesse viés, o acontecimento discursivo da canção “911”, (PÊCHEUX, 1988), (d)enuncia a condição emocional das pessoas, hoje, e dialoga com a teoria de Foucault (2011) que expõe as ligações entre o saber médico desenvolvido pela clínica e a compreensão que o ser humano passou a ter de si, a partir do século XIX, ou seja, aquela de ser desajustado às demandas dele requeridas. Este descompasso entre o que se é e o que a sociedade espera do sujeito, gera um contínuo desequilíbrio e precisar de intervenções de controle e agenciamento de conduta para fazê-lo caber na receita de “normalidade” da sociedade contemporânea, como um corpo dócil a ser agenciado (FOUCAULT, 1997). Nesse limiar, a mídia trabalha para divulgação do trabalho dos artistas que produzem canções como dispositivos de resistência àquilo que gera sofrimento entre as pessoas e contribui para que as obviedades sejam desconstruídas e debatidas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os objetivos e a hipótese empreendida, alicerçados na teoria e metodologia eleitas, os resultados obtidos demonstram que a cantora Lady Gaga ressignificou todo o trauma que viveu através de sua arte. O sujeito enunciador de sua canção que dialoga com a sua biografia, mostrou que as feridas emocionais e psíquicas são comuns a todo e qualquer ser humano, independente da classe social e do poder aquisitivo que possua.

Ao ligar sua biografia com a canção, revelando seu lado humano mais vulnerável, a artista demonstrou como se pode sublimar a dor e transformá-la em arte, de forma que se dissemine informação, empatia e conforto para o público que se identifica com as suas produções. A materialidade linguística eleita para análise permite a emergência de efeitos de sentido preocupantes sobre os

antipsicóticos, os remédios não são apenas ligados a cura, mas também ao envenenamento do corpo pela dependência que causam.

Ao afetar o comportamento e a conexão com o mundo, os antipsicóticos, além da ajuda que sua prescrição promove no nivelamento químico do corpo, do controle das mudanças constantes de humor, a falta de seu efeito, como dispositivo de poder sobre o usuário, ou a insuficiência dele, podem acarretar grandes estragos emocionais. Por isso, quem deles tem necessidade, não pode apenas controlar a situação com remédios, mas necessita de acompanhamento psicológico que contribua para a construção do bem-estar e “desmame” das substâncias, de modo gradativo, pois não se pode viver constantemente anestesiado de forma sintética.

Por todos esses aspectos a medicalização, via fármacos psiquiátricos, vincula-se ao discurso de padronização do comportamento psíquico emocional da vida. Sob a legitimação do discurso técnico, isto é, médico-científico, a contemporaneidade anestesia-se, a partir da administração de substâncias psicossomáticas, disponíveis no mercado. Esses medicamentos prometem solução para todos os problemas. Os farmacológicos estabelecem-se como dispositivos de poder asseguradores do alcance de um bem-estar pessoal e social. Este discurso de agenciamento dos comportamentos emocionais, das condutas se apresenta quase como uma “fórmula mágica”, em que a apreensão da realidade se dá por meio de uma narrativa, cuja eficácia é estabelecida pela potência misteriosa das substâncias.

Em suma, Graças a este percurso teórico-metodológico, foi possível observar, que a medicalização conduz ao agenciamento dos modos de ser e de se comportar do sujeito, no bojo social. Ela estabelece o atendimento e o enquadramento a uma normalidade, ao inibir expressão do sofrimento emocional e

psíquico das pessoas. Por esta razão, a canção eleita “911” denuncia esta relação de controle dos medicamentos sobre o corpo. O nome da canção já anuncia que este é um discurso de emergência, que precisa ser problematizado o quanto antes. Ao analisarmos discursivamente os versos da música, foi possível perceber que a obra demonstra como ela se subjetiva e se objetiva na letra, para servir de exemplo, contar que se sente fora da própria vida quando não está medicada, o que a faz se sentir incomodada com as mudanças constantes de humor.

Neste limiar, o papel do jornalista é ajudar a divulgar as ações de apoio à saúde mental e denúncias de sofrimento escamoteadas pelo mover do capitalismo. As esferas artística e jornalística precisam caminhar juntas para fazer ecoar a necessidade das pessoas, de maneira que a construção artificial da felicidade constante seja discutida, pois a vida é feita de altos e baixos, não há remédio que iniba por muito tempo ter de lidar com as frustrações que também são lugar de aprendizado e de superação, sem fórmulas mágicas. Medicamentos psiquiátricos são auxiliares, não milagres emocionais. Cabe ao jornalista, imediatamente, mostrar os pontos positivos e negativos do processo. Ajudar a arte denunciar como a problemática é, além de mostrar que muitas pessoas passam pela mesma situação, para que certos assuntos deixem de ser um tabu.

## REFERÊNCIAS

CORACINI, M. J. A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira). Plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FERREIRA, A. B. Mini-dicionário da língua portuguesa. 7 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FOUCAULT, M. A ordem do Discurso.

Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, M. O Nascimento da biopolítica. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. Os anormais. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2002.

GERMANOTTA, S. 911. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/lady-gaga/911/>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

IGNÁCIO, V.; NARDI, H. A medicalização como estratégia biopolítica: um estudo sobre o consumo de psicofármacos no contexto de um pequeno município do

Rio Grande do Sul. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 3, p. 88-95, 2007.

MOREIRA, I. C. O processo de subjetivação do Indígena em material didático subsidiado pelas (novas) tecnologias. Araraquara: letraria. 2020.

MOREIRA, I. C. Do discurso oficial ao discurso didático: representação e subjetivação do sujeito indígena para e pela sociedade hegemônica, um trajeto de inclusão. Humanidades & Inovação, v. 5, n. 1, 2018.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 11 ed. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

SILVEIRA, E. Foucault e a caixa de ferramentas: notas sobre sexualidades insurgentes, derivas do gênero e processos de subjetivação. Revista Interfaces, v. 9, n. 2, p. 141-162, 2018.